



RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK

STANLEY KUBRICK'S A CLOCKWORK ORANGE MOVIE REVIEW

Flávio Roberto Chaddad¹

e321085

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i2.1085>

RESUMO

A resenha a seguir trata-se de uma análise crítica do filme “Laranja Mecânica” (*A Clockwork Orange*) de Stanley Kubrick ^[1], produzido em 1971, baseado no livro hormônio de Anthony Burgess, de 1962. Para tanto, usarei como categorias para a análise as práticas discursivas e a ontologia do poder presentes em dois textos de Michel Foucault: *A Ordem do Discurso* ^[2] e *a História dos Sistemas de Pensamento* ^[3], que é um resumo dos cursos dados por Foucault no *Collège de France* quando este assume a cátedra que era de Jean Hyppolite. Assim, observou-se no filme, a ação das práticas de saber (que em si, implicam em uma vontade de verdade, ou seja, a sua presentificação – aletheia) que se produzem e se reproduzem através dos discursos científicos que sustentam a ação penal, principalmente, a partir do século XIX. A ação penal busca “corrigir” o comportamento criminoso, trazê-lo para o que as práticas discursivas científicas entendem por normalidade, sobretudo, se amparando na medicina, na psiquiatria, na antropologia, na sociologia, na psicanálise e na pedagogia, que são as suas porta-vozes.

PALAVRAS-CHAVE: Laranja Mecânica. Microfísica do Poder. Práticas Discursivas. Psicopatia

ABSTRACT

The following review is a critical analysis of Stanley Kubrick's film “A Clockwork Orange [1], produced in 1971, based on Anthony Burgess' 1962 hormone book. categories for the analysis of discursive practices and the ontology of power present in two texts by Michel Foucault: The Order of Discourse [2] and the History of Systems of Thought [3], which is a summary of the courses given by Foucault at the Collège de France when this one assumes the chair that belonged to Jean Hyppolite. Thus, it was observed in the film, the action of knowledge practices (which in themselves imply a will to truth, that is, its presentification – aletheia) that are produced and reproduced through the scientific discourses that support the criminal action, mainly from the 19th century. Criminal action seeks to “correct” criminal behavior, bringing it to what scientific discursive practices understand as normality, above all, based on medicine, psychiatry, anthropology, sociology, psychoanalysis and pedagogy, which are the their spokespersons.

KEYWORDS: *Clockwork Orange. Microphysics of Power. Discursive Practices. Psychopathy*

1. Introdução

A resenha a seguir é uma contribuição original e inédita, que buscou analisar o clássico filme “Laranja Mecânica” de Stanley Kubrick a partir de leituras de duas categorias foucaultianas: as práticas discursivas e a ontologia do poder. Sua importância está posta, por trazer uma contribuição

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP)

[1] Stanley Kubrick viveu entre 1928 e 1999. Ele foi um diretor, roteirista e produtor de cinema norte-americano. Considerado um dos maiores diretores de cinema de todos os tempos, criou filmes altamente polêmicos que conduzem a reflexões profundas sobre a humanidade e a vida em sociedade.

[2] O texto a “A Ordem do Discurso” foi a aula Inaugural dada por Foucault no Collège de France, a 02 de dezembro de 1970.

[3] A História dos Sistemas de Pensamento é um texto resumo de todos os cursos que Foucault proferiu no Collège de France quando assumiu em 1970 até a sua morte em 1984, de HIV.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

analítica ao filme que ainda não havia sido realizada, além de ainda reafirmar a importância deste clássico para o cinema mundial, principalmente, que retrata um momento de transição do sistema penal e prisional mundial, que busca “corrigir” este desvio da delinquência através da ciência positiva.

2. O filme e a análise

De forma geral, o filme trata de nossa sociedade corrompida – todos os setores, aliás – desde a família, a religião e o Estado – por sua vez, a religião, conforme Althusser *apud* Saviani (2012), não deixa de ser um aparelho ideológico do Estado ^[1]. É um filme que retrata muito bem o que Foucault (2002; 2011) vem a denominar como Saber ^[2], que em si é um sistema de exclusão, e de como este conhecimento – este discurso de verdade - vem sendo utilizado pelo Poder. Este poder ^[3], polimórfico, é emanado, principalmente ^[4], pelo Estado no filme, através de suas práticas

^[1] Segundo Saviani (2012): Ao analisar a reprodução das condições de produção que implica a reprodução das forças produtivas e das relações de produção existentes, Althusser é levado a distinguir no estado os Aparelhos Repressivos de estado (o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc.) e os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) que ele enumera provisoriamente, da seguinte forma: AIE religioso; AIE escolar; AIE familiar; AIE jurídico; AIE político; AIE sindical; AIE da informação; AIE cultural. A diferença entre ambos assenta no fato que o ARE funciona massivamente pela violência e secundariamente pela ideologia, enquanto, inversamente, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam massivamente pela ideologia e secundariamente pela repressão (SAVIANI, 2012, p.21-22).

^[2] No texto “A Ordem do Discurso” Foucault nomeia três sistemas de exclusão que atingem o discurso: a palavra proibida; a segregação da loucura e a vontade de verdade. Destes, a vontade de verdade é que Foucault, no texto, vai se deter mais longamente, em suas palavras: Dos três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, foi do terceiro que falei mais longamente. É que há séculos, os primeiros não cessaram de orientar-se em sua direção; é que, cada vez mais, o terceiro procura retomá-los por sua própria conta, para, ao mesmo tempo, modificá-los e fundamentá-los; é que, se os dois primeiros não cessam de se tornar mais frágeis, mais incertos na medida em que são agora atravessados pela vontade de verdade, esta, em contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável. [...] O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera o poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la (FOUCAULT, 2002, p.19-20).

^[3] Foucault insurgiu contra a ideia, segundo Machado (2012, p.16-17), [...] de que o Estado seria o órgão central e único de poder, ou de que a inegável rede de poderes das sociedades modernas seria uma extensão dos efeitos do Estado, um simples prolongamento ou uma simples difusão de seu modo de ação, o que destruiria a especificidade dos poderes que a análise pretendia focalizar. Daí a necessidade de utilizar um procedimento inverso: partir da especificidade da questão colocada – a dos mecanismos e técnicas infinitesimais de poder que estão intimamente relacionados com a produção de determinados saberes sobre o criminoso, a sexualidade, a doença, a loucura etc. – e analisar como estes micropoderes, que possuem tecnologia e história específicas, se relacionam com o nível mais geral do poder constituído do aparelho do Estado. A análise ascendente que Foucault propõe e realiza estuda o poder não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo, mas como tendo existência própria e formas específicas no nível mais elementar. O Estado não é o ponto de partida necessário, o foco absoluto que estaria na origem de todo os tipos de poder social e do qual também se deveria partir para explicar a constituição dos saberes nas sociedades capitalistas. Foi muitas vezes fora deles que se instituíram as relações de poder, essenciais para situar a genealogia dos saberes modernos, que, com tecnologias próprias e relativamente autônomas, foram utilizadas e transformadas pelas formas mais gerais de dominação do aparelho de Estado (MACHADO, 2012, p.16-17).

^[4] Como já salientado neste texto, o poder é polimórfico, emana de todo corpo social e do Estado e também de seus aparelhos ideológicos, mas, utilizei aqui a palavra “principalmente” para designar o tratamento a que é submetido Alex no filme pelo Estado, baseado, sobretudo, em uma psicologia comportamental behaviorista-pavloviana. A prática discursiva presente na ciência e em suas múltiplas esferas: medicina, psiquiatria, psicanálise, pedagogia, antropologia, sociologia etc.).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

normatizadoras, quais sejam, segundo Foucault (2002, p.19), a psiquiatria, a sociologia, a medicina, a psicologia, a pedagogia, que em si mesmas, carregam um discurso de verdade, que como disse acima existem para excluir. Assim, o poder produz também um saber e, assim, sucessivamente, em uma relação aonde saber-poder-saber se interagem mutuamente, controlando a todos que não pertencem ao que seja designado pelo Estado e pelo corpus social como uma normalidade ^[5] – ao que está no lado de fora do que Nietzsche (2010) irá definir, em Vontade de Potência, como o Homem Verdídico ^[6]. Isto, podemos denominar de “a medida” – a métrica, em referência a Parmênides e a farsa do culto da geometrização do mundo! Da homogeneização e continua ascensão do império do espírito linear!

Ferraz (2016, p.141) nos afirma que existe um padrão normal que é seguido pela maioria do corpus social, que não necessariamente implica em uma normalidade psicológica. Além disso, Ferraz (2016, p.176) também define que o psicopata é produto de fatores internos e que o sociopata de fatores externos, da violência histórica que ele foi submetido. Assim, quando ele nomeia o sujeito baseado, sobretudo, nas práticas discursivas produzidas pelo poder da ciência (psiquiatria, psicologia, psicanálise, medicina, antropologia, sociologia) para gerar um saber – poder - saber, uma vontade de verdade, esta presentificação da verdade, aletheia – em grego – que foi comprovada pelo método científico, desprovida de qualquer razão histórica, será utilizada, sobretudo, como um mecanismo de exclusão e de interdição.

Porém para Canguilhem *apud* Roudinesco (2005, p.34) não se têm condições - através das práticas discursivas científicas - de nomear um sujeito, quer seja um psicopata e/ou sociopata, ou mesmo de definir as “psicoses” através do saber-poder-saber científico como constituições fixas, inalteráveis do sujeito – como uma maldição que irá acompanhá-lo por toda a vida. Ou mesmo que as psicoses sejam somente alterações inatas e/ou sociais de apenas um sujeito. Pelo contrário, para Canguilhem *apud* Roudinesco (2005, p.34), as psicoses e as doenças são apenas alterações quantitativas, reações do corpo e da personalidade diante de uma situação, inerente a todo o corpo social. Assim, pode-se dizer que o sujeito é um ser dinâmico, dotado de historicidade e de razão, capaz de apropriar-se da realidade dada e, saltar, sobre “as práticas discursivas” científicas, esta vontade de saber científica:

^[5] Segundo Ferraz (2016, p.141), para a psicologia o comportamento normal: implica na saúde mental, um conceito bastante complexo e relativo. Implica num padrão que a maioria dos psicólogos preferem não definir, pois novas descobertas acerca do comportamento humano, bem como mudanças na sociedade decorrente de avanços morais, puseram o conceito de “normal” numa linha que facilmente fere princípios éticos, se dito de forma leviana. Não há normalidade absoluta em Psicologia, existe, sim, um padrão comportamental seguido pela maioria, pois entende-se que este padrão é o melhor para a vida em sociedade, mas não implica em uma normalidade em termos psicológicos (FERRAZ, 2016, p.141).

^[6] Para poder imaginar um mundo do verdadeiro e do ser, foi necessário em primeiro lugar criar o homem verídico (inclusive o fato de que se julgue “verídico”). Simples, transparente, de acordo consigo mesmo, constante, sempre igual, sem pregas, sem meios-termos, sem adereços, sem forma: aí está o homem que concebe um mundo do ser sob a forma de um “Deus” à sua imagem. Para que a veracidade seja possível, é necessário que o homem só disponha de uma esfera bem própria, bem restrita e bem respeitável; é necessário que a vantagem, em qualquer sentido que seja tomada a palavra, caiba ao homem verídico (NIETZSCHE, 2010, p.66).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

Conhecemos a definição de normalidade e patologia enunciada por Georges Canguilhem no prefácio do livro ^[7]: “os fenômenos patológicos são idênticos aos fenômenos normais, exceto quanto às variações quantitativas. Era quase idêntica à sugerida por Lacan em 1932, em sua tese de medicina sobre a psicose paranoica. Em ambos os casos, tratava-se, tanto para as questões biológicas quanto as psíquicas e mentais, de incluir em uma mesma essência, definido sua discordância, as afecções denominadas normais e as afecções denominadas patológicas. Segundo essa concepção, a psicose (como distúrbio mental) e a doença (como distúrbio orgânico) não são mais assimiláveis a constituições fixas, mas a reações do corpo ou da personalidade diante de uma situação vital (ROUDINESCO, 2005, p.34).

Portanto, para Canguilhem não existe a diferença ao que é normal e o que é patológico. A diferença entre o normal e o patológico é apenas um saber-poder científico, utilizado para nomear e excluir. Nada possui de libertário. Assim, os grandes assassinatos à liberdade de Van Gogh a Artaud acontecem, a favor do princípio da normatização – uma arché social. Tudo que for diverso é patológico – o Estado e o corpo social, através de suas práticas discursivas que edificam e emanam poderes, querem assim – há, portanto, o sufoco da tensão entre Dionísio-Apolo ^[8], inerente a todo espírito humano criativo, que foi banida e escamoteada do corpo social pela quantificação e matematização do mundo: a grande exacerbação do espírito apolíneo. De outro modo, pode-se dizer que esta tensão pode ser perigosa! Como já afirmamos, ela pode ser criativa! Gerar a liberdade e a felicidade social! Uma sociedade cruel, a ela própria! Assim, todo o espírito criativo se perde, reprimido que é se traduz em violência, que com violência se paga: este é o grande mote do filme. Conforme o filme, vive-se em uma sociedade corrompida - repressiva e violenta - em todos os seus sentidos, que não consegue dar vazão as realizações humanas, ou seja, ao Eros ^[9] e à complexidade

^[7] O Normal e o Patológico, escrito por Georges Canguilhem em 1943.

^[8] De certa forma, isso simbolizava a tensão da alma grega. De um lado há o ordeiro e racional, de outro o indisciplinado e instintivo. O primeiro dá origem à filosofia, à arte e a ciência. O último surge na religião mais primitiva em conexão com os ritos de fertilidade. Este elemento parece muito mais controlado em Homero, em tempos posteriores, especialmente com a renovação do contato com o Oriente, ressurgiu. É associado ao culto de Dionísio ou Baco, originalmente uma divindade da Trácia. Com a legendária figura de Orfeu, que dizem ter sido dilacerado membro a membro por bacantes embriagadas, surge como uma influência reformadora dessa selvageria primitiva. A doutrina órfica tende ao ascetismo e enfatiza o êxtase mental. Com isso, espera-se conseguir um estado de “entusiasmo”, ou de união com deus, e assim adquirir conhecimento místico que não se obtém de outra maneira. Nesta forma refinada, a religião órfica teve um profundo efeito sobre a filosofia grega. Aparece pela primeira vez em Pitágoras, que a adapta ao seu próprio misticismo. A partir daí, elementos dessa religião chegam até Platão e à maior parte da filosofia grega, à medida de que ela não foi puramente científica. Porém, os elementos mais primitivos sobreviveram até mesmo na tradição órfica. É de fato a fonte da tragédia grega. Aqui, a simpatia está sempre do lado daqueles que são abalados por emoções e paixões violentas. Aristóteles fala corretamente da tragédia como catarse, ou purgação das emoções. Afinal, foi este aspecto duplo do caráter grego que possibilitou a definitiva transformação do mundo. Nietzsche chamou esses dois elementos de apolíneo e dionisíaco. Isoladamente, nenhum produziria a extraordinária explosão da cultura grega (RUSSELL, 2001, p.16).

^[9] Segundo Loureiro (2005), Marcuse se preocupava com os fins drásticos que tiveram todas as revoluções (Revolução Francesa e Russa), por exemplo. Os rebeldes quando derrubam o poder se identificam com ele – no Brasil, o caso político atual foi a gestão petista. Que se achavam acima da lei. Fazem surgir um novo poder tão ou mais opressivo que o anterior. Ou seja, a dominação é interiorizada, o que significa sucessivas derrotas em termos psicológicos. Para Marcuse, é preciso entender a derrota das revoluções em termos econômicos, políticos, sociais, históricos e psicológicos, sobretudo. Nas palavras de Loureiro (2005): É a repressão das pulsões da vida (Eros) que cria indivíduos aptos a aceitarem uma sociedade repressiva e a temerem sua própria libertação. Somente quando esta energia, reprimida pela sociedade administrada (capitalista e socialista), através do trabalho incessante, for direcionada para o trabalho criativo é que teríamos o trabalho não alienado



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

que é existência – a felicidade! Neste processo de produção de verdades – de saberes - e poderes, inerentes a uma sociedade fascista, Foucault (2011) afirma:

Nenhum saber se forma sem um sistema de comunicação, de registro, de acumulação, de deslocamento, que é em si mesmo uma forma de poder e que está ligado, na sua existência e no seu funcionamento, às outras formas de poder. Nenhum poder, por outro lado se exerce sem extração, a apropriação, a distribuição ou a retenção de um saber. Nesse nível, não existe o conhecimento, de um lado, e a sociedade do outro, ou a ciência e o Estado, mas formas fundamentais do “poder-saber” (FOUCAULT, 2011, p.18).

De outro modo, pode-se dizer que parte das psicoses são causadas por esta sociedade repressora, pela política de corpos que dela emana - ela fabrica psicopatas - em que os seres humanos são alijados de sua existência, eles não têm certa conta do que é isso, ou seja, a existência. Os fatores ^[10] que as desencadeiam são os políticos, sociais, econômicos, teológicos e, refletem, sobremaneira, na subjetividade, nos processos “psi” de todos que a compõe, podendo somente produzir mais psicopatologias – em variados níveis e graus. O que se vê, neste filme, é que são adolescentes frustrados, sem objetivos, que sentem prazer em consumir drogas e realizar práticas violentas – a ultraviolência (MARCELLO, 2021). Como vemos hoje na sociedade atual e contemporânea. Uma sociedade doente! Essa microestrutura de poder (Alex, Gim e George) só vem refletir o que é a sociedade – a sua macroestrutura, nada mais que isso! O Estado, o grande Leviatã, desde sua origem até nossos dias só exerceu a coerção e o controle – a política, que sempre significou práticas violentas contra tudo e todos, nunca a liberdade e a criação – a tensão Dionísio e Apolo que pode produzir uma nova estética para a existência é esquecida! Tudo se realiza, se produz e se materializa no âmbito da política ^[11]. Ainda, no século XIX, Foucault (2011) nos remete para a produção de ilegalismos pela máquina estatal:

Mas, talvez, a forma mais importante do novo ilegalismo esteja em outro lugar. Ela refere-se menos ao corpo do aparelho de produção, ou ao da pequena propriedade territorial, do que ao próprio corpo dos operários e à maneira pela qual ele é aplicado aos aparelhos de produção. Salários insuficientes, desqualificação do trabalho pela máquina, horários de trabalho desmensurados, multiplicidade de crises regionais ou locais, interdição de associações, mecanismo de endividamento, tudo isso conduz os operários a condutas como o absentismo, a ruptura do “contrato de trabalho”, a migração, a vida “irregular” (FOUCAULT, 2011, p.45).

ou lúdico. A abolição do trabalho alienado permitiria investir a libido no trabalho que se tornaria lúdico e nas relações sociais, o que transformaria a vida em um jogo estético/erótico, em que os sentidos humanos não seriam moldados pela forma mercadoria (LOUREIRO, 2005, p.11).

^[10] Utilizei aqui, no começo do texto, a definição dada por Canguilhem do que seja as patologias e a psicose, que nada mais significam que uma reação do corpo ou da personalidade a uma situação vital. Sempre lembrando, conforme este autor, que não existe diferença entre o que é normal e o patológico, são estados apenas de todos os entes – sem distinções - submetidos a situações vitais.

^[11] Entende-se, por política, a forma de organização social em que seus entes cedem a sua liberdade e o seu arbítrio em favor da proteção – física, psíquica e material – ao Estado, ao grande Leviatã, nas palavras de Hobbes, que têm o monopólio legítimo da violência, a política se exerce com violência. Um exemplo, é a constituição do sistema prisional que foi se transformando durante a história, até atingir a constituição atual. Segundo Foucault (2011): a prisão tem vantagem de produzir a delinquência, instrumento de controle e de pressão sobre o ilegalismo, peça não-negligenciável no exercício do poder sobre os corpos, elemento dessa física do poder que suscitou a psicologia do sujeito (FOUCAULT, 2011, p.50).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

Corroborando com as ideias acima, pode-se dizer que as relações humanas no filme não existem, já deixaram de existir em uma sociedade que é, em essência, doente, irregular, produto destes ilegalismos. As famílias estão distanciadas de seus filhos, de si próprias, consumidas por um trabalho que as consomem, quando ainda o tem. Hoje, como sempre foi, as pessoas vivem para trabalhar, para sobreviverem, um trabalho que as esmaga - não há espaço para Ser ^[12]. As ligações de amizade e irmandade entre os companheiros (Alex, Dim e George) não existem, como não existem em toda a sociedade. O sistema não permite. O sistema é repressor em sua essência.

Para tanto, como a citação acima, cria-se e fabrica-se saberes e poderes, que se articulam e se interagem, e os introjetam na sociedade, que os também os produzem, reproduzem, modificam e fazem – também como soldados deste sistema totalitário – ganhar força. É necessário salientar aqui, que o corpo social também produz novos saberes e poderes. É gerador de novos poderes. A grande produção da relação saber-poder-saber. Daí temos uma legislação que cria e fabrica delitos! A repressão também é escamoteada – através de uma série de medidas, como, por exemplo, segundo Foucault (2011): “operam uma separação entre o bom e o mau operário, e procuram assegurar uma correção do comportamento [...] daí o aparecimento de organismos de controle ou de pressão [...] daí toda uma imensa campanha de moralização operária” (FOUCAULT, 2011, p.45). Assim, vê-se no filme, que o poder está em todos os lugares, como afirmou Foucault (2010):

Mas quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana. O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, de seu exercício no corpo social, e não sobre o corpo social (FOUCAULT, 2012, p.215).

O poder não tem um centro, ele é polimórfico, ele se manifesta desde a quem a ciência denomina de delinquentes até mesmo entre intelectuais – todos são alvos e agentes do poder! E isso o filme retrata de forma nua e crua – desde as crueldades praticada pelos jovens (Alex, Dim e George), quando espancam um mendigo; roubam um carro e invadem a casa de um escritor – deixando-o paraplégico e estropam e matam sua mulher; quando invadem a casa da “mulher dos

^[12] Esta é uma grande discussão que data do século XVIII, quando o Iluminismo buscava criticar o antigo regime e seus aparatos. Em todos os seus textos, Rousseau, iluminista, que viveu entre 1712-1778, critica a corrupção do homem pela sociedade, crítica a civilização. O texto “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens” explicita alegoricamente todo o processo histórico em que o homem – bom por natureza – foi corrompido e passou a oprimir outros homens, movido principalmente, pelo Ter – pelo poder e pela riqueza, em suas palavras: O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, cercando um terreno, teve a ideia de dizer, este é meu, e encontrou pessoas bastante simples para acreditarem. De quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores o Gênero humano não teria sido poupado se aquele que, arrancando as estacas e enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes. Não ouçam este impostor, estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e que a Terra não é de ninguém. Mas, parece muito plausível que então as coisas já tinham chegado a tal ponto de não poderem continuar como estavam, pois esta ideia de propriedade, dependente de muitas ideias anteriores que só aparecem sucessivamente, não se formou de um momento para o outro no espírito humano. Precisou fazer muitos progressos, adquirir muitas habilidades e luzes, transmiti-las e aumentá-las de uma época para outra, antes de chegar a este último termo do Estado de Natureza (ROUSSEAU, 2002, p.7-8).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

gatos” e quando seus amigos quebram uma garrafa em seu rosto, o que o deixa cego e alvo fácil para prisão, uma instituição criada no século XVIII.

A partir disso, entra em cena o Estado que tira qualquer livre-arbítrio de Alex, através do tratamento Ludovico, que em suma diz respeito a psicologia comportamental – o método Behaviorista-Pavloviano ^[13]. O método constitui em injetar drogas e fazê-lo assistir imagens de extrema violência e de sexo. Depois de injetar as drogas Alex foi amarrado com um colete de forças, na cadeira de um cinema, com um capacete que ia monitorizando o seu cérebro e pinças que forçam os seus olhos a ficarem sempre abertos. Assim, ele foi obrigado a assistir imagens de violência extrema e, sob efeito da droga, começa a passar mal e a ter aversão a violência, um tratamento comportamental: não histórico-crítico (MARCELLO, 2021).

O seu corpo é forçado e condicionado a reagir negativamente perante qualquer cenário que envolva agressividade ou sexo. O estímulo reforçador é a nona sinfonia. Assim, agora, a violência e o poder emanam do Estado! Através de suas práticas discursivas, baseadas, sobretudo, nas ciências (psiquiatria, medicina, sociologia, psicologia, antropologia) e na pedagogia, tentam corrigir o comportamento “delinquente” ^[14] do jovem, que é o objetivo principal do sistema penal a partir do século XIX, tirando toda a sua capacidade de reação a qualquer situação de agressão, indo contra o seu livre-arbítrio (MARCELLO, 2021). Assim, esta é a configuração que o sistema judiciário irá assumir, segundo Foucault (2011), a partir do século XIX. Porém, o filme irá mostrar que este tratamento – este experimento – a que foi submetido Alex, de forma alguma resolve! Apenas há a solução imediata, mas não há mecanismos de apreensão crítica do aparente e a sua transformação

^[13] Segundo Ferraz (2016): Sob a perspectiva de comportamento animal, a aprendizagem pode ser considerada como uma mudança do comportamento decorrente da experiência do indivíduo em uma interação com o ambiente. Essa mudança visa adaptar melhor o organismo às contingências atuais do ambiente. Para abordar o comportamento humano, Skinner desenhou toda uma teoria denominada de “análise experimental do comportamento”, formulando alguns conceitos importantíssimos para compreender o comportamento em sua totalidade. Ele entende que o comportamento pode seguir fatores inatos, reflexos e instintos chamados de comportamento respondente. Este comportamento não depende de aprendizagem e faz parte do repertório de comportamento do organismo. Surgiu com a evolução da espécie melhor adaptada pela seleção natural. No entanto, além de Skinner, Ivan Pavlov (1849-1936), fisiólogo russo, também estudou o comportamento e compreendeu, pela primeira vez, a relação entre o comportamento reflexo e o comportamento condicionado. Em experimentos com cães, Pavlov percebeu uma relação interessante entre a salivação e a presença de alimento. Este fisiologista observou que o comportamento de salivar dos cães podia ser provocado quando o cão associava o alimento a um estímulo sonoro. Com base nisso, realizou diversos experimentos fornecendo alimento para os cães, acompanhados de toques de metrônomo, campainhas, estímulos luminosos, entre outros. Os cães de Pavlov “aprenderam” que quando um som característico surgia acompanhado do alimento, havia a expectativa da presença deste alimento e salivavam mesmo sem a presença dele, mostrando que o comportamento pode ser provocado mesmo na ausência do estímulo naturalmente provocador da resposta no momento em que este é associado a outro estímulo que foi apresentado. A este fenômeno Pavlov chamou de condicionamento, situação na qual o comportamento pode ser modelar quando este associa um estímulo incondicional (alimento) a um estímulo condicional (campainha). Ele constatou, enfim, que o comportamento pode ser induzido a ocorrer por meio do processo de condicionamento. Além disso, atestou que, quando o estímulo condicional (campainha) não vem mais acompanhado do estímulo incondicional (alimento), a resposta diminui até não mais ocorrer. Este fenômeno foi denominado de extinção (FERRAZ, 2016, p.140).

^[14] Segundo Foucault (2011, p.49): por delinquente, deve-se entender o sistema combinado penalidade-delinquente. A instituição penal, com a prisão em seu centro, fabrica uma categoria de indivíduos que entram no circuito com ela: a prisão não corrige; ela convoca incessantemente os mesmos; ela constitui pouco a pouco uma população marginalizada da qual se serve para fazer pressão sobre as “irregularidades” ou “ilegalismos” que não pode tolerar (FOUCAULT, 2011, p.49).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

no concreto pensado pelo jovem. Uma crítica também advém de uma outra instância do Estado, que Althusser *apud* Saviani (2012) vem a denominar de aparelho ideológico do Estado – que é a religião!

Neste ponto, o padre se insurge contra o tratamento imposto pelo Estado. Para ele, não existiria sinceridade nos atos de Alex. Ou seja, ele – Alex – deixaria de ser “um delinquente”, mas seria impossibilitado de realizar escolhas morais, cuja salvação estaria em Deus – como sempre, a metafísica cristã surge como único tratamento ou atrelado a outros, cunho psicológico. Para o Estado e a justiça, o importante não era que o rapaz fizesse escolhas, sobretudo, morais (que estão circunscritas ao âmbito subjetivo) e éticas (que estão circunscritas ao âmbito social), mas, sim, que mudasse de comportamento, como já afirmado: sem uma apropriação crítica da realidade. Isto tudo seria conseguido através das práticas discursivas estatais, baseadas, sobretudo, na Ciência Behaviorista como no caso em questão! Depois de ser submetido a violência praticada pelo Estado, Alex se torna presa fácil de todos. Ao sair da casa dos pais, vaga pelas ruas. Encontra o mendigo e seu grupo – que Alex e sua gangue anteriormente havia espancado – eles o agredem violentamente. A violência e o poder se exercem – percorrem a tudo e a todos, como afirmou Foucault (2012). Alex, sob o efeito do tratamento, não consegue se defender. Aqui, mais uma vez, a Ontologia do Poder foucaultiana vem fazer todo o sentido. O poder não tem um lugar, ele não é fixo em nossa sociedade, não emana apenas do Estado, ele é polimórfico, emana de todo corpo social. Do mendigo ao Estado. O poder se produz e se autoproduz, percorre toda a sociedade como um rizoma!

Ao resenhar criticamente sobre a proposta foucaultiana de poder, de suas implicações, Machado (2012) afirma que esta novidade em Foucault faz com que se veja o poder com outros olhos, não mais circunscrito apenas ao Estado, mas como um rizoma. Uma mão subterrânea que percorre todo o seio social, o que significou um deslocamento do poder do centro para a periferia – o micropoder ou a microfísica do poder:

Entretanto, essa valorização de um tipo de poder formulou-se através de uma distinção, de uma dicotomia, entre uma situação central ou periférica e um nível macro ou micro que talvez não seja muito apropriada por utilizar uma terminologia metafórica e espacial que não parece dar conta da novidade que a análise contém. Ela visa distinguir as grandes transformações do sistema estatal, as mudanças de regime político no nível dos mecanismos gerais e dos efeitos de conjunto e a mecânica de poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder este que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo – e que se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder. O que Foucault chamou de “microfísica do poder” significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que se efetua (MACHADO, 2012, p.14).

Realidades distintas, mecanismos heterogêneos, esses dois tipos específicos de poder se articulam e obedecem a um sistema de subordinação que não pode ser traçado sem que se leve em consideração a situação concreta e o tipo singular de intervenção. O importante é que as análises indicaram que os poderes periféricos e moleculares não foram confiscados e absorvidos pelo aparelho de Estado. Não são necessariamente criados pelo estado nem, se nasceram fora dele, foram inevitavelmente reduzidos a uma forma ou manifestação do aparelho central. Os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social, e



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

nesse complexo os micropoderes existem integrados ou não ao Estado, distinção que não foi muito relevante ou decisiva para suas análises. O importante é que essa relativa independência ou autonomia da periferia com relação ao centro significa que as transformações em nível capilar, minúsculo, do poder não estão necessariamente ligadas às mudanças ocorridas no âmbito do Estado (MACHADO, 2012, p.15).

Continuando, no instante em que estava sendo agredido pelo grupo do mendigo, surgem dois policiais – Dim e George - seus antigos comparsas da gangue, que o leva para o mato onde vão torturá-lo (MARCELLO, 2021). Agora estão do outro lado, do lado da justiça! Estes recortes acima, até aqui discutidos, estão intimamente relacionadas as categorias foucaultianas propostas - ou seja, de que o Estado, a sociedade e a criminalidade são todos expressões de formas de saber-poder-saber, formas políticas de atuação. Todos se referem “a grande política” da história da humanidade e das sociedades de forma geral, sedimentadas pelas práticas discursivas e pelo poder. Esta relação entre saber e poder irá dar origem ao que se pode denominar como a “Ontologia do Poder” na obra de Foucault. O Estado apenas irá reproduzi-la e oficializá-la através de uma série de práticas de saber-poder – que desde a antiguidade até a contemporaneidade caracterizou-se pela *medida*, pelo *inquérito* (principalmente, na época da inquisição) e pelo *exame*, com todo o seu aparato iluminista dos séculos XVI e XVII. Mas, o corpo social também irá produzi-la e reproduzi-la, como afirmou Foucault (2012).

Ou seja, a “política” nada mais significou desde a antiguidade do que exercer a coerção e o controle – uma política do e sobre o corpo. O sistema e o corpus social são ambos produtores e reprodutores do saber-poder, a violência é o mote de ação de ambos. Uma violência, na maioria das vezes escamoteada – escondida. É isso que o autor do filme busca mostrar, que existe uma linha tênue entre a delinquência e a lei: o sistema penal, a sociedade e a criminalidade são inerentes e circunscritas a uma mesma política, a um mesmo jogo de saberes e de poderes – fazendo parte desta Ontologia de Poder!

A seguir, Alex escapa de seus antigos parceiros, vaga pelas ruas e vai buscar ajuda e asilo em uma casa, onde mora um escritor viúvo e em uma cadeira de rodas – o intelectual, a quem Alex e seus comparsas havia torturado e matado sua esposa. O escritor o acolhe e afirma: “*o perigo que é contratar policiais criminosos como suposta medida para combater o próprio crime. Lamentando a situação política e social, afirma que estão a um passo do totalitarismo*”. Ele irá simbolizar o intelectual dissidente, que critica e luta contra as medidas autoritárias do governo, conforme ele mesmo afirma, ao analisar a troca da liberdade das pessoas pela proteção do Estado: “*As pessoas comuns vendem a liberdade por uma vida mais tranquila*” (MARCELLO, 2021). Esta é a grande política que permeia muitos dos escritos – tratados - do renascimento até os dias de hoje. Porém, ele irá reconhecer em Alex - pela música “*Singing in the rain*” - o marginal que aterrorizou a ele e que estuprou e matou a sua esposa. Neste sentido, prepara também a sua vingança. Sabendo de todo o experimento praticado pelo Estado ^[15] contra Alex e que ele, Alex, têm intenções suicidas quando

¹⁵ Cujá a psicologia é a comportamental, de cunho Behaviorista-Pavloviana.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

RESENHA CRÍTICA DO FILME LARANJA MECÂNICA DE STANLEY KUBRICK
Flávio Roberto Chaddad

escuta a nona sinfonia de Beethoven, o intelectual coloca um calmante em sua bebida e o coloca para dormir em um quarto. Alex desperta ao som da música - em meio a colunas gigantes de som - e acaba se jogando pela janela. Desacordado, Alex acorda em um hospital com alguns ferimentos. No entanto, o tratamento é revertido e, ele, recupera seu jeito de falar, a sua arrogância e a sua imaginação violenta (MARCELLO, 2021).

Agora, seu rosto irá aparecer novamente, nas manchetes de jornais como vítima do tratamento imposto a ele pelo Estado, o método Ludovico. O ministro vai visitar Alex, pois a “oposição” estava utilizando o acontecimento para o aproveitamento político. Ele promete dinheiro e um bom emprego a Alex, se o “delinquente” ficar do seu lado perante a mídia. Alex concorda e os dois, Alex e o ministro, aparecem juntos em uma fotografia. O comportamento condicionado é finalmente e completamente revertido quando Alex se imagina com uma mulher na neve fazendo sexo e uma multidão o aplaudindo (CULTURA GENIAL, 2021).

3. Considerações finais

Assim, observa-se no filme, a ação das práticas de saber (que em si, implicam em uma vontade de verdade, ou seja, a sua presentificação – aletheia) que se produzem e se reproduzem através dos discursos científicos que sustentam a ação penal, principalmente, a partir do século XIX. A ação penal busca “corrigir” o comportamento criminoso, trazê-lo para o que as práticas discursivas científicas entendem por normalidade, sobretudo, se amparando na medicina, na psiquiatria, na antropologia, na sociologia, na psicanálise e na pedagogia, que são as suas porta-vozes. Mas, a partir do momento em que se fixa “uma patologia”, através destas práticas normatizadoras, provoca-se, como consequência – um mecanismo de exclusão do corpus social, que em si reflete um sentido de “normalidade” que se quer límpida em sua essência. Ou seja, como se as psicoses não fossem, como o libertário Canguilhem *apud* Roudinesco (2005), afirmou: alterações quantitativas da normalidade. Assim, estas práticas discursivas científicas são formas de saber-poder-saber, que percorrem toda a narrativa do filme. No filme a psicologia comportamental é utilizada como forma de mudar o comportamento do jovem Alex, pois entende ser ele dotado de uma “patologia fixa”, mas a sua ação é por curto tempo, porque não muda ou não altera a sua consciência. Não faz o uso da historicidade, da transformação, do devir – como bem pontua Canguilhem. O jovem não tem como partir da realidade aparente para o concreto pensado, não tem meios de fazer uma apropriação crítica de sua situação perante a sociedade, por desde a tenra infância estar submetido a violência. Seu comportamento volta a ser o que era. Isto constatamos ao final do filme. Ainda vemos todos os elementos de uma sociedade doente, em todos os sentidos, e de como a Ontologia de poder de Foucault faz todo o sentido, percorre todos os espaços moleculares de existência social – do mendigo, passando pelo intelectual ao Estado. Ele não tem um lugar específico - ele é polimórfico - emana e percorre como um rizoma de todo o corpo social.



4. Referências Bibliográficas

FERRAZ, CRA. **Psicologia aplicada ao direito**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, M. **História dos sistemas de pensamento**. Almada (Portugal): Centelha Viva, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

LOUREIRO, I. Marcuse – anticapitalismo e emancipação. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v.28, n.2, p.7-20, 2005.

MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia de poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

MARCELLO, C. Explicação e análise do filme. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/filme-laranja-mecanica-de-stanley-kubrick/> Acesso em: [10/10/2021}.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. São Paulo: Editora Escala, 2007.

ROUDINESCO, E. **Filósofos na tormenta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ROUSSEAU, JJ. Discurso sobre a origem e a desigualdade entre os homens. In: PIOZZI, P. **Textos filosóficos**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

RUSSELL, B. **História do pensamento ocidental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas; Autores e associados, 2012.